O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratizacão mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano VI | Volume 20 | Nº 59 | Boa Vista | 2024

http://www.ioles.com.br/boca

ISSN: 2675-1488

BOLETIM DE CONJUNTURA

www.ioles.com.br/boca

CEMITÉRIO DAS IRMANDADES: PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA E DO PATRIMÔNIO CULTURAL DE JAGUARÃO (RS)[1]

Larissa Bitar Duarte[2]

Juliana Porto Machado[3]

Resumo

Este estudo aborda o Cemitério das Irmandades, situado em Jaguarão (RS), como tema central, investigando-o enquanto espaço de memória coletiva, identidade cultural e patrimônio histórico. O objetivo principal da pesquisa é compreender de que forma o cemitério articula elementos materiais e simbólicos para consolidar seu valor cultural e turístico, contribuindo para a preservação da história e da memória local. A metodologia adotada tem como base uma abordagem qualitativa, com características descritivas e exploratórias. Os procedimentos envolveram revisão bibliográfica sobre memória, identidade e patrimônio cultural, além de observação direta dos túmulos, monumentos e simbologias presentes no espaço. A análise foi conduzida de forma reflexiva, articulando conceitos teóricos aos elementos materiais e históricos do cemitério. Os resultados indicam que o Cemitério das Irmandades apresenta potencial cultural e turístico, representando um marco histórico de Jaguarão/RS. Contudo, foi identificado que o espaço ainda não é plenamente reconhecido como patrimônio cultural pela comunidade local, o que evidencia a necessidade de sensibilização e de estratégias para promover sua valorização e apropriação social. O estudo também aponta que o cemitério reflete transformações sociais, religiosas e artísticas da cidade, consolidando-se como um espaço de memória coletiva e identidade cultural.

Palavras-chave: Cemitério; Memória Coletiva; Identidade Cultural; Patrimônio Histórico; Turismo Cultural.

Abstract

This study focuses on the Cemitério das Irmandades, located in Jaguarão (RS), investigating it as a space of collective memory, cultural identity, and historical heritage. The main objective is to understand how the cemetery integrates material and symbolic elements to establish its cultural and touristic value, contributing to the preservation of local history and memory. The methodology is based on a qualitative approach with descriptive and exploratory characteristics. The procedures involved a bibliographic review on memory, identity, and cultural heritage, as well as direct observation of the tombs, monuments, and symbols present in the space. The analysis was conducted reflectively, linking theoretical concepts to the material and historical elements of the cemetery. The results indicate that the Cemitério das Irmandades has cultural and touristic potential, representing a historical landmark of Jaguarão/RS. However, it was observed that the site is not yet fully recognized as cultural heritage by the local community, highlighting the need for awareness and strategies to promote its appreciation and social appropriation. The study also reveals that the cemetery reflects the city's social, religious, and artistic transformations, establishing itself as a space of collective memory and cultural identity.

Keywords: Cemitery; Collective Memory; Cultural Identity; Cultural Tourism; Historical Heritage.

[1] A presente pesquisa contou com apoio institucional da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

[2] Doutoranda em Turismo e Hospitalidade pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). E-mail: larissa.bitar@gmail.com

[3] Doutora em Memória Social e Patrimônio Cultural Universidade Federal de Pelotas (UFPel). E-mail: julianamachado209@gmail.com

INTRODUÇÃO

Este estudo investiga o Cemitério das Irmandades, situado na cidade de Jaguarão pertencente ao estado do Rio Grande do Sul, na fronteira entre o Brasil e o Uruguai, como um espaço de preservação da memória social e do patrimônio cultural. Fundado em 1858, o cemitério foi organizado pelas Irmandades de Nossa Senhora da Conceição e do Santíssimo Sacramento, constituindo-se como um marco histórico na cidade. Localizado em uma colina a oeste do município, o cemitério é dividido em duas alas, com túmulos que refletem a organização religiosa e social da época, além de uma capela central que incorpora simbologias católicas e maçônicas.

Este cemitério se destaca por sua importância histórica, artística e simbólica, abrigando elementos que evidenciam a memória coletiva e a identidade cultural de Jaguarão. Ele preserva o legado de figuras importantes para a cidade, sendo um espaço que representa as transformações sociais, religiosas e arquitetônicas vividas pela comunidade ao longo dos séculos.

O problema de pesquisa centra-se em compreender como o Cemitério das Irmandades articula a memória coletiva e a identidade local, e como sua configuração material e simbólica contribui para a valorização do patrimônio cultural. O marco conceitual da pesquisa considera o cemitério como um espaço de memória, explorando sua relevância histórica e cultural. Já, o marco metodológico adotada parte de um estudo bibliográfico, de cunho descritivo e exploratório sob a abordagem qualitativa, cuja análise está voltada para os elementos que compõem o cemitério da Irmandades de Jaguarão.

Nessa direção, a metodologia adotada neste estudo segue uma abordagem qualitativa, reflexiva e descritiva, orientada para a interpretação dos elementos materiais e simbólicos do Cemitério das Irmandades em Jaguarão (RS). Essa abordagem busca compreender a relação entre patrimônio, memória e identidade, situando o cemitério como um espaço de confluência dessas dimensões.

Os procedimentos metodológicos basearam-se em dois eixos principais: a revisão de literatura e a observação direta. A revisão bibliográfica foi utilizada para embasar teoricamente o estudo, englobando obras que tratam dos conceitos de memória coletiva, identidade cultural e patrimônio cemiterial. A observação direta foi conduzida in loco, com foco nos monumentos e elementos simbólicos que compõem o cemitério.

A análise dos dados foi conduzida sob uma perspectiva hermenêutica, articulando os conceitos teóricos com as evidências observadas. Esse viés reflexivo permitiu explorar as múltiplas camadas de significado do cemitério, entendendo-o não apenas como um local de sepultamento, mas como um espaço de memória ativa e identidade coletiva.

Ao alinhar memória, patrimônio e identidade à luz das representações do Cemitério das Irmandades, este estudo procura destacar a importância de preservação e valorização desse espaço como um patrimônio cultural relevante para Jaguarão, explorando seu potencial como elemento simbólico e integrador das narrativas culturais locais.

Este estudo está estruturado em seções que promovem uma leitura clara e objetiva. A partir da introdução se apresenta o tema, a justificativa, o problema de pesquisa e os objetivos do estudo, delineando os marcos conceitual e metodológico. Em seguida, o referencial teórico aborda fundamentos relacionados ao patrimônio cultural e à memória, com apoio em literatura clássica e contemporânea. Na análise e discussão, são apresentados os resultados à luz do diálogo entre teoria e observação empírica, enfatizando as implicações históricas e culturais do cemitério. Por fim, as considerações finais sintetizam os principais achados e destacam sugestões para futuras investigações e ações de preservação e valorização do patrimônio cultural de cemiterial de Jaguarão/RS.

CEMITÉRIO: PATRIMÔNIO CULTURAL E MONUMENTO

Há um reconhecimento da importância funcional do cemitério como lugar de guardar os mortos e adicionalmente como um lugar de arte, de beleza, de memória, de patrimônio. Os cemitérios, enquanto patrimônios culturais, desempenham um papel central na ativação da memória coletiva e na reafirmação da identidade cultural. Sob a perspectiva do "território-memória," esses espaços são lugares que abrigam o ato de recordar, tanto em sua dimensão individual quanto como parte de processos coletivos (SANTOS MORENO, 2013). Para Nora (1996), os cemitérios podem ser interpretados como "lugares de memória," carregados de valor simbólico e capazes de recriar o contexto sociopolítico das sociedades ao longo do tempo.

Para além de sua dimensão simbólica, os cemitérios refletem relações sociais complexas, sendo locais onde o impacto da morte leva à reestruturação dos laços comunitários para a preservação do equilíbrio social. Defende Ferro (1999), que esses espaços são marcados por negociações contínuas, onde o tradicional e o popular frequentemente entram em tensão, configurando o cemitério como um lugar patrimonial único.

A institucionalização dos rituais funerários também demonstra a função social dos cemitérios como mediadores entre o sagrado e o secular. A liturgia, que remonta a séculos de tradição, visa organizar e dar significado ao ciclo da vida, enquanto os enlutados introduzem elementos de devoção popular que dinamizam a prática religiosa. Essas dinâmicas resultam em tensões entre clero, autoridades civis e a comunidade, mas também permitem a transmissão de formas culturais de geração em geração.

No contexto histórico, os cemitérios decimonônicos destacam-se como representações de dominação social. Para Calvo (1998), esses espaços materializam a hegemonia das elites, que, por meio de monumentos e túmulos suntuosos, justificam e reafirmam seu domínio sobre a sociedade. Essas construções, dedicadas a figuras ilustres e emblemáticas, transformam os cemitérios em cenários de memória coletiva e reafirmação do poder político.

Os esforços para transformar cemitérios em espaços patrimoniais têm gerado exemplos notáveis, como o reconhecimento do Cemitério Central de Bogotá como Monumento Nacional em 1984 e a transformação do Cemitério San Pedro, em Medellín, no primeiro museu a céu aberto da América Latina. Esses casos evidenciam o potencial dos cemitérios para fomentar a valorização histórica, estética e simbólica.

Funari (2001) destaca os múltiplos significados atribuídos ao conceito de Patrimônio Cultural. A palavra, derivada do latim *patrimonium*, remete à ideia de "propriedade herdada" ou "herança." Em diferentes contextos linguísticos, como o alemão, utiliza-se o termo *Denkmalpflege*, traduzido como "cuidado" ou "preservação de monumentos," enquanto no inglês, o termo *heritage* refere-se a aquilo que "foi ou pode ser herdado." De forma abrangente, esses conceitos convergem na noção de *patrimonium* como representativo de monumentos herdados de gerações passadas. Tal herança estabelece uma conexão entre os indivíduos e seus antecessores, sendo possível compreender o patrimônio cultural sob uma ótica econômica e jurídica, conforme sintetizado por Funari: "Propriedade Cultural é sempre uma questão política e não teórica."

Argue Júnior (2012) reforça essa perspectiva ao conceber o patrimônio cultural como um conjunto de bens materiais de um povo, intrinsicamente relacionados à memória e à identidade. Sob a ótica da educação patrimonial, o autor defende que esses valores culturais, herdados de gerações anteriores, são fundamentais para balizar o presente e proteger o futuro. Ferreira (2006) corrobora essa visão ao afirmar que o patrimônio resulta da permanência do passado no presente e em direção ao futuro, preservando elementos essenciais para as identidades culturais.

O patrimônio, enquanto categoria de pensamento, configura-se como um esforço contínuo de resguardar o passado com vistas ao futuro, exigindo, no entanto, reconhecimento social e atribuição de valor ao objeto ou evento considerado patrimônio. Essa dimensão simbólica é apresentada por Ferreira como uma forma de resistência ao desencantamento do mundo.

Tomaz (2010), ao abordar a preservação do patrimônio cultural, analisa sua trajetória no contexto brasileiro, enfatizando o desenvolvimento de políticas voltadas à valorização e à conservação dos bens culturais pelo governo. O autor ressalta a relevância de resistir às pressões capitalistas e prevenir ou mitigar a destruição de bens tombados, seja por agentes naturais ou humanos.

O termo “monumento,” proveniente do latim *monere*, carrega o significado de “fazer lembrar” e encontra ressonância no conceito de “mausoléu.” A preservação de monumentos objetiva salvaguardar a memória de acontecimentos, origens e razões históricas. O conceito de “patrimônio histórico,” que outrora se limitava à materialidade dos monumentos, foi ampliado no escopo contemporâneo de “patrimônio cultural,” abrangendo elementos como paisagens, arquiteturas, tradições, gastronomia, arte, documentos e sítios arqueológicos.

No Brasil, a valorização do patrimônio cultural encontra suas raízes no período da Revolução Francesa, momento em que o estado francês priorizou a conservação de bens como meio de afirmar sua supremacia. De forma similar, a preservação de bens de valor nacional no Brasil assumiu o interesse de consolidar a identidade nacional, refletindo, ainda que de maneira adaptada, os valores daquela revolução.

Na década de 1920, evidenciou-se uma maior preocupação com a preservação do patrimônio histórico no Brasil, impulsionada pela deterioração de bens históricos e pelo descaso com as cidades coloniais. Intelectuais e artistas denunciaram a destruição do que consideravam um “tesouro nacional,” frequentemente sob o pretexto de “modernização,” conforme já observado por Funari (2001).

Atualmente, a proteção dos bens culturais no Brasil é respaldada pela Constituição, sendo efetivada por meio de políticas públicas voltadas à preservação geral do patrimônio. Nesse contexto, a memória é entendida como um conjunto de lembranças, reminiscências e vestígios que servem como registros. Essas memórias são essenciais para a construção de identidades individuais e coletivas, estabelecendo relações entre passado, presente e futuro. Entretanto, por ser um elemento dinâmico, a memória está sujeita a modificações e alterações ao longo do tempo.

Pensando no nosso objeto de análise, temos o Cemitério das Irmandades de Jaguarão, localizado na fronteira entre o Brasil e o Uruguai, como um marco tanto na história local quanto no patrimônio cultural da região. Fundado em 1855, em meio a uma epidemia de cólera que assolou a cidade, o cemitério surgiu da necessidade de um espaço adequado para sepultamentos, especialmente após a saturação do antigo cemitério municipal. Este novo campo santo foi idealizado pelo comerciante José Alberto Portella, com doações de figuras proeminentes como Augusto Cezar de Leivas e o Padre Themudo Cabral, tendo sido dividido entre as Irmandades de Nossa Senhora da Conceição e do Santíssimo Sacramento.

A fundação do cemitério reflete as tensões e dinâmicas sociais da época, evidenciadas por disputas entre as irmandades sobre a configuração do espaço e a posse de túmulos. A divisão interna do cemitério foi determinada em uma ata pelo Padre João Themudo, estabelecendo que o lado direito de quem entra seria da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição e o lado esquerdo da Irmandade do

Santíssimo Sacramento. Desde sua inauguração, o cemitério acolheu corpos transladados do antigo local, consolidando-se como um espaço de memória coletiva.

Historicamente, o Cemitério das Irmandades é um reflexo da prosperidade e opulência que marcaram certos períodos de Jaguarão. A arquitetura e a iconografia tumular presentes nos jazigos revelam estilos artísticos diversos, utilizando materiais como mármore, granito e madeira. Estes elementos servem como testemunhos do prestígio social e das tradições culturais das famílias locais, configurando o cemitério como um espaço de patrimônio cultural.

Pesquisas recentes indicam que a maioria dos visitantes do cemitério é composta por moradores de Jaguarão e cidades vizinhas, como Pelotas e Arroio Grande, motivados principalmente por homenagens a entes queridos. Apesar disso, o local ainda é visto majoritariamente como um espaço de luto, não sendo amplamente explorado como destino turístico. No entanto, alguns entrevistados já reconhecem o potencial histórico, artístico e patrimonial do cemitério, destacando túmulos de figuras ilustres como ex-prefeitos e o Padre Themudo, figura histórica que participou do processo de fundação do cemitério. Nesse caminho, voltamos ao fato que o cemitério é um espaço de arte, com possibilidades de estabelecer um turismo de necrópoles.

ARTE CEMITERIAL E TURISMO DE NECRÓPOLES

A palavra cemitério – pelo grego *koimeterion* – significa dormitório e pelo latim *coemeterium*, que significa lugar onde se dorme. De acordo com o cristianismo o termo tomou o sentido de “campo de descanso após a morte”, referindo-se a necrópole, carneiro, sepulcrário, campo santo, cidade dos pés juntos e última morada (OTOBELLI; VAILATTI, 2007).

> O termo 'cemitério' é geralmente percebido como simples e comum. Normalmente, refere-se a uma área onde restos humanos são enterrados em sepulturas individuais ou coletivas ou em um columbário. [...] O termo 'necrópole' (em grego, 'a cidade dos mortos') refere-se a um cemitério medieval ou cristão primitivo, mas, desde o século XIX, tem sido usado como sinônimo da palavra 'cemitéri’ (PUZDRAKIEWICZ, 2020, p. 4).

Sabe-se que a morte é tão antiga quanto o ser humano, assim como o costume de zelar pelos mortos, que surgiu acerca de 100 mil anos antes da nossa era. Ainda na pré-história realizavam-se rituais fúnebres, registrados arqueológicas em escritas e desenhos, onde o havia um cuidado com as sepulturas e corpo o morto. Então no período cultural, também chamado de Paleolítico Superior, quando se desenvolveu a autoconsciência, simbolismo e as convenções de linguagem, onde a morte, até então vista como um mistério passou a ser reconhecida como técnicas de culto à magia e à religião:” Dai o

tratamento dado aos mortos, que eram cuidadosamente sepultados mesmo pelo homem neandertalense, e que pelos povos do paleolítico Superior, muitas vezes eram recobertos com ocre vermelho, presumivelmente à guisa de material vivificante e providos de utensílios e alimentação" (BOWLE, 1964).

> Os cemitérios são espaços sagrados e emocionais, mas, ao mesmo tempo, são testemunhas da história local das cidades e vilas. São comuns a todas as cidades e vilas da Europa e, portanto, revelam claramente a identidade cultural e religiosa da cidade, formando parte do patrimônio tangível por meio de suas obras, esculturas, gravuras e até mesmo seu planejamento urbano" (MILLÁN *et al*., 2021, p. 4).
>
> Os cemitérios podem recriar como nenhum outro lugar construído pelo homem, expressões dos aspectos mais íntimos da cultura. Esses espaços consagrados aos mortos são concebidos em múltiplas sociedades, como santuários e espaços rituais. No entanto, também são lugares sociais, carregados com todo o desenvolvimento histórico de uma comunidade, nos que evidenciam seus gostos estéticos, arquitetônicos, urbanos, públicos, assim como as emoções pessoais e familiares, por eles são espaços culturais ou "lugares antropológicos". sem igual [...], al igual que ponto de referência em um território apreendido socialmente que possibilite o desenvolvimento de práticas culturais que assumem relevância na vida social (ESTRADA, 2022, p. 14).

Na Idade Média, os cemitérios desempenhavam múltiplas funções sociais, sendo locais de convívio, celebrações, comércio e até mesmo atividades políticas, como julgamentos e assembleias públicas. Esses espaços integravam as cidades e aldeias, geralmente localizados ao redor de igrejas, assumindo um formato quadrangular e fechado. Além de sua função religiosa, os cemitérios eram vistos como centros comunitários onde a vida social pulsava intensamente (NASCIMENTO; SENHORAS, 2022).

Os cemitérios cristãos localizados em superfície remontam ao século V, após o Concílio de Vaison, em 442, que determinou que as sepulturas deveriam ser feitas nos pátios adjacentes às igrejas, e não mais em seu interior (DUQUE; MEDINA, 2006). No século VI, os cemitérios passaram a ser consagrados com ritos especiais, reservando seu uso apenas para os batizados na fé cristã. Pessoas consideradas indignas, como hereges, suicidas, excomungados e pagãos, eram sepultadas em valas comuns separadas.

Indivíduos abastados, no entanto, tinham a possibilidade de adquirir espaço dentro das igrejas, com exceção das áreas do coro e dos altares, que permaneciam destinadas a relíquias de santos e mártires. Os membros de ordens religiosas, por sua vez, eram enterrados nos pátios dos mosteiros ou próximos às hortas (DUQUE; MEDINA, 2006). Essa prática, disseminada na Europa, foi trazida ao continente americano pelas ordens religiosas durante o processo de colonização do século XVI.

No "Novo Mundo", sob o regime colonial, as práticas funerárias foram fortemente influenciadas pela doutrina católica, que estabeleceu a inumação no interior das igrejas ou em seus arredores como as

únicas áreas consideradas sagradas (RIVERA, 2006). Esse modelo refletia as hierarquias sociais: os mais ricos eram enterrados em locais privilegiados, enquanto os menos favorecidos, como trabalhadores sem terras ou crianças desamparadas, eram sepultados nos átrios.

A construção de cemitérios afastados das áreas urbanas surgiu na Europa como uma resposta às epidemias que assolavam a população no final do século XVIII, como consequência das reformas borbônicas. Essas mudanças, promulgadas por Carlos III, buscavam resolver o problema do acúmulo de corpos nas igrejas, que muitas vezes não possuíam identificação, condenando os sepultados ao esquecimento (ESTRADA, 2022).

Porém, a resistência à utilização de cemitérios afastados foi importante, principalmente devido às crenças de que os mortos deveriam ser enterrados em solo sagrado, próximo ao altar de Deus, e à ideia de que o espaço do cemitério era indigno e profano. Apesar das políticas públicas eclesiásticas e civis, as elites continuaram a praticar inumações nas igrejas por décadas, preservando tradições coloniais e garantindo a manutenção dos templos católicos.

A aceitação dos cemitérios como locais de sepultamento trouxe implicações sociais e culturais profundas. Famílias abastadas começaram a construir áreas exclusivas nos cemitérios, marcando sua posição social por meio de túmulos ornamentados e monumentos funerários de grande valor artístico. Conforme Lamilla (2011), essas construções, frequentemente localizadas em zonas privilegiadas, refletem a hierarquia social e a busca pela perpetuação do status alcançado em vida.

No século XIX, os cemitérios tornaram-se verdadeiras necrópoles que reproduzem a estrutura social de seu tempo, com uma clara distinção entre centro e periferia, simbolizando as diferenças de classe. O uso de ícones religiosos e pagãos, como obeliscos, pirâmides e colunas truncadas, destacou a simbiose entre arte e religiosidade, marcando o desenvolvimento do que conhecemos como arte funerária (MOLINA, 2007). Esses espaços serviam para enterrar os mortos, assim como projetavam o poder e a memória dos vivos, reforçando o caráter simbólico e cultural dos cemitérios históricos.

Nesse período os cemitérios passaram por transformações que os configuraram como espaços de silêncio e contemplação, destinados exclusivamente ao culto e à devoção aos falecidos. A construção de muros altos e a separação das áreas urbanas consolidaram essa nova abordagem, afastando o convívio social desses locais. No entanto, permanecem como espaços de memória, preservação histórica e reflexão, sendo culturalmente celebrados em datas como o Dia de Finados.

No Brasil, os cemitérios são marcados por influências tanto da tradição religiosa trazida pelos colonizadores portugueses quanto das práticas funerárias das culturas indígenas. Esses espaços podem ser encontrados em configurações horizontais, como parques ou jardins, e verticais, em edifícios projetados para otimizar o uso do espaço urbano. Independentemente do formato, os cemitérios são

compreendidos como lugares de memória, representando a relação simbólica entre vivos e mortos e reforçando os laços identitários de uma comunidade (NASCIMENTO; SENHORAS, 2022).

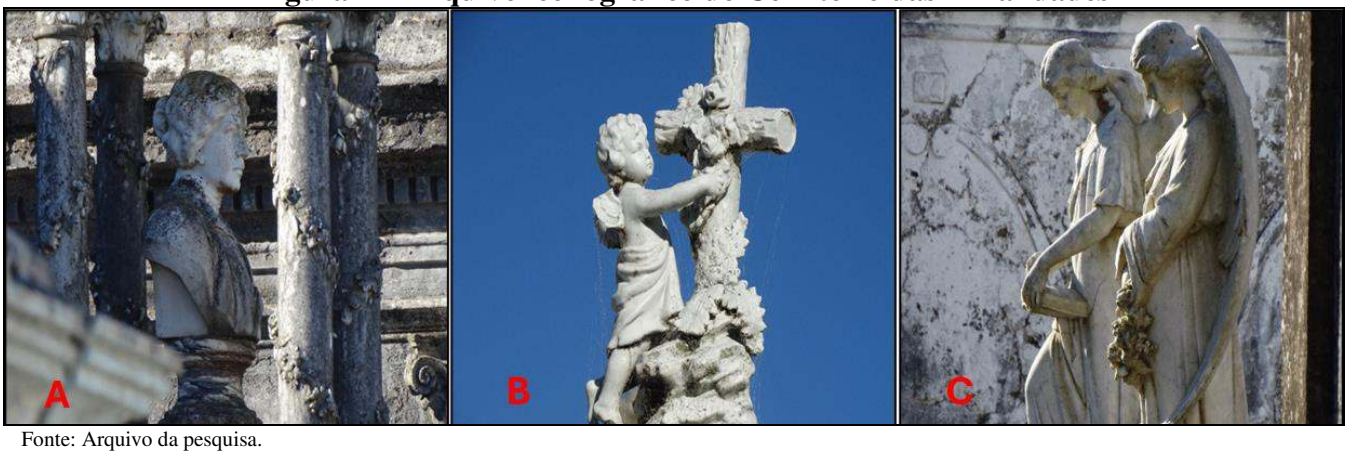
Os cemitérios guardam a memória material e imaterial de uma comunidade, sendo espaços que transcendem o simples sepultamento e representam a complexidade das relações sociais, culturais e políticas. Sob uma perspectiva sociológica, os cemitérios são reflexos das classes sociais e das ideologias políticas, registrando o reconhecimento e a identidade coletiva de uma sociedade. Conforme destacado, sua arquitetura e arte tumular vão além da morte, representando o convívio social e as hierarquias da época em que foram concebidos.

Historicamente, os cemitérios desempenharam papéis fundamentais em diversas culturas, servindo tanto como locais de repouso para os mortos, bem como espaços de contemplação e preservação da memória. As necrópoles da Antiguidade eram adornadas com túmulos e mausoléus que honravam os falecidos, representavam o poder e o prestígio de suas famílias, evidenciando aspectos históricos, culturais e religiosos. Os mausoléus são um;

> Tipo de sepultamento que pode ser entendido como "Nichos-abóbada, situados ao nível do solo, organizados com pavilhões e galerias de nichos; Criptas, localizadas no subsolo, onde estão organizadas as tumbas permitindo o acesso de acompanhantes e aparatos florais; Capelas, com tumbas acima e abaixo da superfície, organizadas para permitir o acesso de pessoas e aparatos florais" (CONGRESO DE LA REPÚBLICA 1994, p. 09)

Na modernidade, especialmente a partir do século XIX, os cemitérios passaram a refletir uma visão mais artística, com destaque para a construção de túmulos monumentais que simbolizavam a prosperidade e o legado de famílias abastadas, como demonstrado na figura 1A, em que temos a presença de uma imagem com as feições femininas, serena, no topo do mausoléu, cercada por colunas ornadas por flores perpetuas.

Figura 1 – Arquivo iconográfico do Cemitério das Irmandades



Fonte: Arquivo da pesquisa.
Nota: A) Ornamentos de um Mausoléu; B) Anjo com a Cruz; C) Anjos Guardiões

A simbologia presente nos cemitérios, como a cruz cristã (Figura 1B), remonta a tradições que conectam vida e morte, enfatizando o papel espiritual e cultural desses espaços. A cruz, como símbolo universal da fé cristã, tornou-se um elemento predominante, integrando tanto o imaginário religioso quanto a paisagem dos cemitérios. Essa iconografia reflete o compromisso com a memória e a espiritualidade, além de ressaltar o cuidado com os mortos como uma prática de respeito e perpetuação das tradições. Como demonstra a figura 1B, temos um anjo com as asas danificadas pelo tempo, junto a uma cruz de aspecto de madeira, ornada por flores, (rosas, bem-me-quer e demais folhagens).

Para Nascimento e Senhoras (2022), os cemitérios são marcados pela monumentalidade e pela arte, representando o luto, mas também o desejo de eternizar a memória dos que partiram. Nesse sentido, tornam-se extensões da vida social, preservando as histórias dos vivos e guardando a memória dos mortos. Como observado pelos autores, a construção de túmulos ao longo do tempo esteve profundamente vinculada aos privilégios sociais, evidenciando a busca por individualização e respeito aos rituais funerários. Os cemitérios, transcendem a sua função prática, transformando-se em espaços de cultura e memória que revelam a evolução das sociedades, suas crenças, tradições e aspirações. “Los cementerios son para la ciudad recintos destinados para albergar a la muerte; por lo que no resulta extraño que estos, sean un tipo de espacio que restringe toda su actividad al interior de sus límites físicos. No obstante, la dinámica con la vida urbana de la ciudad es casi nula” (ESTRADA, 2022, p. 23). Como afirma Estrada (2022), os cemitérios, apesar de suas aspirações intrínsecas de valor como memória e bem cultural, muitas vezes acabam por se fechar em si mesmos, não sendo apropriados para além de seus muros. Esses muros, por sua vez, atuam como proteção aos mortos, contra possiveis invasões e simbolizam também, o limiar do cotidiano dos vivos em relação aos mortos.

Nesse sentido, a partir do grande acervo de arte cemiterial que possui o Cemitério das Irmandades de Jaguarão (RS) é possível fazer uma análise do potencial a ser explorado no contexto de desenvolvimento da região através do Turismo de Necrópoles, cujo acervo histórico oferece uma opção de turismo cultural que aborda a identidade, a memória e o patrimônio de um povo, pois, os “[...] Os cemitérios, especialmente os históricos, com valores estéticos extraordinários, são geralmente percebidos como atrações turísticas e são importantes por razões educacionais e empíricas” (PUZDRAKIEWICZ, 2020, p. 6). "Os cemitérios são espaços sagrados e emocionais, mas ao mesmo tempo, são testemunhas da história local das cidades e vilas. [...] Revelam claramente a identidade cultural e religiosa da cidade, fazendo parte do patrimônio tangível através de suas obras, esculturas, gravuras e até mesmo do seu planejamento urbano" (MILLÁN *et al*., 2021, p. 4).

Ainda que sofra limitações – e resistências locais quanto às suas potencialidades – é importante resgatar os valores que esse patrimônio cultural edificado possui, sendo guardião de inúmeras

temporalidades e transformações da sociedade jaguarense formatando um produto que resgata e traz grandes informações de cunho histórico e paisagístico da cidade e do estado do Rio Grande do Sul, que neste local está explicitamente marcado em sua arte tumular (SOARES, 2011).

Nesse contexto – que procura articular e promover a valorização do Patrimônio Cultural com a atividade turística – o turismo é um segmento que vem crescendo em todo o mundo. Através da conservação da paisagem arquitetônica, a cidade de Jaguarão é possuidora de um grande acervo cultural. Seu conjunto de edificações com mais de 800 prédios catalogados e tombados pelo IPHAN (Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) é hoje um dos principais fatores que movimentam a economia local e regional, onde diariamente a cidade recebe turistas encantados com as alegorias e a riqueza dos detalhes das edificações, que fazem parte do conjunto arquitetônico cultural, pois o turismo cultural se referencia na arte em suas diversas formas de se apresentar. Segundo Pereira (2022), o turismo em cemitérios está relacionado à dualidade entre a morte e a celebração da vida, que os visitantes podem vivenciar ao estarem fisicamente próximos aos monumentos ou túmulos de personalidades conhecida.

Dentro deste campo existe a possibilidade de ampliação do leque de produtos turísticos do município com o Turismo Cultural, o Cemitério das Irmandades apresenta um acervo, podendo tornar-se um produto turístico com qualidade promovendo o turismo sustentável, haja vista que o Turismo em Necrópole tem se mostrado possível e bastante valorizado no exterior.

Carrasco e Nappi (2009) citam em seu livro a sombra do terror dos cemitérios que é reforçada pelo cinema, sobretudo no gênero de filmes de terror. Com esse pensamento sobre cemitério, acredita-se que haja um incentivo a imaginação popular a criar ilusões e estórias que acabam se transformando em lenda sobre esses locais, dificultando a visita aos cemitérios.

Devido à imaginação do ser humano, o trabalho justifica-se pela necessidade latente de investigação científico-acadêmica para que haja um entendimento do ambiente acerca da identidade que se confere ao patrimônio com sua memória empírica resguardada em um espaço que é, muitas vezes, representado como solitário silencioso e de respeito – como é a necrópole.

Rezende (2007) relata os diferentes tipos de cemitérios existentes no mundo, onde o cemitério de Jaguarão (RS) classifica-se como tradicional que tem como característica o enterro de pessoas tradicionais e grandes burgueses. Sua construção datada do século 19, também chamado de cemitério histórico, por fazer parte da história de Jaguarão. De acordo com Oliveira *et al.* (2015) “a arte simbólica tumular faz parte dos rituais fúnebres desde a antiguidade. Os adornos colocados nos túmulos fazem parte da cultura humana desde os primórdios [...]” assim afirmando o que Rezende (2007) cita em seu livro, que refere-se ao texto dizendo que a arte funerária é uma forma de representação, ligada

intimamente a determinado contexto histórico, ideológico, social e econômico, relacionando a vida e a morte. Oliveira *et al.* (2015) também ressalta que através da simbologia conseguimos expressar os sentimentos em relação a morte. "Sítios memoriais são vestígios da presença do passado no presente. Pode ser um edifício, uma cruz, uma placa comemorativa, um espaço importante em uma determinada comunidade que conta sobre um evento específico" (WOJTKIEWICZ, 2022, p. 213).

Justo, Nassif e Sousa (2014) abordam os lugares de memória ditos cemitérios como um produto turístico sob uma perspectiva de desenvolvimento e de repassar o conhecimento que eles guardam nas áreas da história, arquitetura, etnografia, arte e religiosidade. A relação que os cemitérios têm com os bens tangíveis compreendem as construções tumulares, que se encontram nas capelas, jazigos, túmulos, que apontam uma hierarquia social e, também a exemplo de bens intangíveis as histórias contidas naqueles túmulos, preservadas e transmitidas às pessoas que visitam.

O turismo tendo como base o espaço/lugar descobriu o ambiente cemiterial como um grande objeto de estudo para a preservação de um patrimônio histórico, da memória cultural, familiar e coletiva e da identidade das sociedades. O autor faz lembrar no artigo que carregado de signos, o ambiente cemiterial sempre remeteu ao visitante uma ideia de obscuridade, de perda, lamentações e "fantasmas", sendo isso inclusive explorado pelas produções cinematográficas.

As pessoas que praticam a atividade do turismo em cemitérios não são um grande público, pois existe uma limitação entre o estranhamento e as mitificações que os rodeiam, mas devido as diferentes culturas do mundo em alguns lugares são consideradas atrativos turísticos e fazem parte dos roteiros turísticos. Brandão (2010) define necroturismo como visita a lugares assombrados (com direito a aparelhos especiais para constatar qualquer tipo de atividade paranormal) e turismo cemiterial como a visita a cemitérios, porém visando o seu teor cultural, histórico e artístico, podendo incluir aspectos lendários. O turismo nos campos santos torna-se elemento de desenvolvimento da sociedade como fonte de trabalho e renda, dinamizando a economia local (CABANAS; RICCI, 2008) promovendo o setor de hotelaria, gastronomia, negócios, eventos religiosos e receptivos.

No Brasil o turismo cemiterial é um segmento recente, o movimento da modalidade turística iniciou na Europa como estudos e apreciação do patrimônio histórico e arquitetônico na busca de personalidades mortas. Na Europa os cemitérios são pontos turísticos consolidados, os tours são monitorados por historiadores e pessoas que conhecem a história e a arquitetura do local.

Por serem os mais visitados do mundo, podemos citar três necrópoles mais conhecidas da cidade de Paris na França, o cemitério de Père-Lachaise, criado em 1805, o cemitério Montparnasse, inaugurado em 1824, e o cemitério de Montmarte de 1825. Eles estão marcados como roteiro turístico a cidade, lado a lado outros destinos conhecidos pelo mundo, como a Torre Eiffel e o Museu do Luvre.

Como exemplo Père-Lachaise abriga 70 mil túmulos, recebe 2 milhões de visitantes anualmente sendo conduzido por guias de turismo bilíngues, que os levam aos jazigos mais significativos do espaço fúnebre. Já o Monumental de Milão, localizado na Itália, datado de 1866 é uma marca da cidade, pois ainda recebe turistas para visitas guiadas desde 1998, onde passam por lá cerca de 80 mil visitantes no ano.

Em 2001, a *Association of Significant Cemeteries in Europe* (ASCE), com a representação de 21 países, foi criada com o objetivo de estabelecer uma rede de turismo em necrópoles europeias (QUEIROZ, 2008). Sendo os cemitérios europeus referência para o turismo cemiterial, aos poucos estão aparecendo os cemitérios brasileiros, dentro dos roteiros turísticos da cidade, como valorização do seu patrimônio. Rio de Janeiro e São Paulo possuem programas específicos com visitas guiadas aos cemitérios atualmente. Em destaque personalidade ali sepultadas, obras de arte junto com a tranquilidade do local.

A efetivação deste trabalho ofertará a oportunidade aos jaguarenses de ter mais conhecimento sobre a origem e importância deste pedaço de chão e de seu acervo de arte funerária que identifica diversas épocas e fatos ocorridos na comunidade. Dentro dessa concepção é possível explorar o cemitério das Irmandades, que representa o início da sociedade Jaguarense em um cenário com diversos elementos fúnebres, famílias importantes explorando a história e a arquitetura (Figura 1C).

Para Bastianello (2010), patrimônio significa uma herança ou algo herdado. Ela diz que nessa perspectiva o túmulo também é uma propriedade herdada de nossos antepassados, com isso, somos nós que devemos conservá-lo, preservá-lo e explorá-lo, sendo esse patrimônio um museu a céu aberto valorizando sua riqueza material que nos liga ao passado compreendendo o presente. Quando este *museu a céu aberto* tem a função recreativa das necrópoles de explorar turisticamente promovendo o entendimento da memória e da identidade, a população passa a uma constante valorização da cultura e da história enfatizando como sítios de lembranças, artísticos e turísticos sofrendo um processo de preservação do campo santo.

Logo, afirma Comunale (2020) os cemitérios são marcados pela coexistência entre a memória individual e a memória coletiva. Monumentos e placas comemorativas, como aquelas que homenageiam as crianças deportadas durante a Segunda Guerra Mundial, exemplificam a preservação de narrativas históricas e sociais. De acordo com Schrynmakers (2024), esses espaços são "uma ponte entre o passado e o presente", oferecendo a oportunidade de explorar a história local e nacional por meio da vida e das contribuições daqueles que ali repousam.

Ademais, os cemitérios são locais de manifestação cultural e celebração da vida. Eventos como o *Printemps des Cimetières* ilustram como essas necrópoles podem ser utilizadas para promover

atividades culturais, educacionais e artísticas. Esses eventos revelam a complexidade simbólica dos cemitérios, conectando o público a reflexões sobre a mortalidade, a identidade e o patrimônio.

A dimensão patrimonial dos cemitérios reflete em sua conservação e integração como parte do patrimônio cultural. Exemplos como o cemitério Père-Lachaise, em Paris, mostram a importância desses espaços como reservatórios de biodiversidade e como pontos turísticos de grande apelo. Nessa linha, a preservação das estruturas funerárias e a inclusão de novas formas de arte funerária demonstram a evolução contínua desses locais como elementos vivos da paisagem urbana e cultural.

Schrynmakers (2024), também aponta para as tensões que surgem no uso contemporâneo dos cemitérios, especialmente no contexto das mudanças sociais e culturais. A pandemia de COVID-19, por exemplo, trouxe desafios logísticos e emocionais, evidenciando a importância dos rituais funerários como parte essencial do luto e da memória coletiva. A ausência de rituais tradicionais durante esse período gerou impactos profundos nas formas de lidar com a perda e destacou o protagonismo dos cemitérios como espaços de significado cultural e emocional. Os cemitérios, conforme argumentado por Schrynmakers (2024), são muito mais do que simples lugares de descanso. Eles são loci de memória, cultura e identidade, elemento basilar na construção de narrativas históricas, na preservação de valores sociais e na promoção de práticas culturais que conectam as gerações.

CEMITÉRIO: MEMÓRIA E PATRIMÔNIO

A memória e o patrimônio cultural se entrelaçam como pilares fundamentais na construção das identidades individuais e coletivas, refletindo costumes, tradições e modos de vida de uma comunidade. Segundo Aguirre (1997), o processo de patrimonialização representa a "materialização" dessas referências culturais, proporcionando um reconhecimento que reforça a identidade e o pertencimento dos grupos sociais. Esse processo ganha ainda mais relevância nas sociedades multiculturais contemporâneas, onde o patrimônio cultural emerge como uma ferramenta que dialoga com os direitos, a cidadania e a democracia (MANCINI; HERÉDIA, 2024).

Conforme Paiva (2015), o conceito de patrimônio cultural foi ampliado para incluir tanto heranças materiais quanto intangíveis, além de abranger novos agentes e atribuições de valores, conectando memórias coletivas e demandas por reconhecimento político. Assim, os patrimônios são interpretados como "objetos" carregados de significado, que facilmente se tornam identificáveis e valorizados pelos grupos sociais.

Entre os exemplos emblemáticos do patrimônio cultural estão os cemitérios, analisados como espaços de memória e identidade. Mancini e Herédia (2024) destacam que os cemitérios permitem

interpretações sobre a história, a cultura e a organização social, ao mesmo tempo em que simbolizam crenças, ideias políticas e narrativas coletivas. Para Monastisrky, Guimarães e Batista (2017), elementos como capelas, mausoléus, lápides e suas ornamentações carregam uma dimensão simbólica que transcende sua função prática, sendo ferramentas essenciais para a leitura cultural das sociedades que os construíram.

A noção de cemitério como patrimônio cultural é reforçada por Nogueira (2013), que os define como "sítios representativos do cotidiano, estilo de vida e escolhas das classes que os utilizavam". Esses espaços também se caracterizam pela preservação de memórias individuais e coletivas, além de evidenciar vínculos históricos e culturais entre as gerações que neles inscrevem suas narrativas. Segundo Fonseca (2000), essa valorização cultural rompe com a exclusividade de valores excepcionais, introduzindo os cemitérios como uma nova concepção de referência cultural, alinhada às demandas de pertencimento e identidade.

> O patrimônio cemiterial não é apenas aquele registrado em materiais tangíveis como obras, fotos e inscrições, mas o que todo esse conjunto pode representar, ou seja, o que se pode evocar do passado através dessa materialidade. São representações da memória que se encontram preservadas no patrimônio cultural funerário, sendo tais representações dos pontos que ativam a memória que nos serve de alicerce para o futuro, proporcionando transmissões de culturas de outras gerações, além de constituir material para a construção de identidades culturais (NOGUEIRA, 2013, p. 35).

Halbwachs (2004) argumenta que a memória precisa de um espaço físico para ser ativada e estimulada, destacando o papel dos lugares socialmente construídos como referenciais para a projeção das memórias coletivas. Pierre Nora (1993) complementa essa visão ao afirmar que a criação de "lugares de memória" é essencial para resgatar elementos históricos que possibilitam a restauração de identidades ameaçadas pela globalização e pelas rápidas transformações sociais.

Nesse contexto, os cemitérios se consolidam como espaços de memória coletiva e identidade cultural (CAMPOS; ROSA, 2024). Para Silva *et al.* (2017), esses locais instigam lembranças e as cristalizam, tornando-se vetores indispensáveis para a compreensão e o ensino da história local. Assim, o patrimônio cultural, em sua relação intrínseca com a memória, constitui-se como um legado do passado, uma ferramenta ativa para o fortalecimento das identidades no presente.

Dessarte, o cemitério transcende sua função original de guarda dos restos mortais. Eles são lugares de memória, cultura e identidade, permitindo que a sociedade reflita sobre a conexão entre a vida e a morte. A partir de abordagens filosóficas, arquitetônicas e antropológicas, é possível compreender como esses espaços contribuem para a preservação do patrimônio cultural e para o fortalecimento da identidade coletiva.

De acordo com Edgar Morin, a consciência da mortalidade é uma característica intrínseca da experiência humana que nos diferencia de outras espécies. Morin argumenta que a morte, embora temida, estimula a afirmação da vida e reforça os laços sociais. Nesse sentido, os cemitérios não são apenas locais de despedida, mas também espaços onde a memória é cultivada e a vida ganha um novo significado ao ser confrontada com sua finitude. Assim, os cemitérios podem ser entendidos como pontos de reconforto que conectam o indivíduo à coletividade (CHARLET, 2024).

A arquitetura tem uma função relevante na mediação entre vida e morte nesses espaços. Exemplos como o *Woodland Cemetery* (Estocolmo) e o *Danteum* (projeto de homenagem à "Divina Comédia" de Dante Alighieri) mostram como os percursos arquitetônicos podem transformar a experiência da morte em uma jornada espiritual. Enquanto o *Woodland Cemetery* utiliza a natureza como parte integrante do ambiente arquitetônico, criando um espaço contemplativo e emocional, o *Danteum* propõe um percurso simbólico pelos círculos do inferno e os gradins do purgatório até o paraíso. Esses projetos demonstram como a combinação entre arquitetura e paisagem pode criar narrativas que humanizam a experiência da morte e fortalecem os vínculos com a memória coletiva (CHARLET, 2024).

A evolução dos ritos funerários nas sociedades contemporâneas destaca o afastamento da morte do cotidiano e, consequentemente, a perda de uma dimensão coletiva do luto. Michaël Foessel (*apud* CHARLET, 2024). argumenta que, na modernidade, o luto tornou-se uma experiência isolada, muitas vezes reprimida por uma cultura produtivista que não valoriza os estados de introspecção e tristeza. Nesse contexto, os cemitérios têm o potencial de reaproximar a morte da esfera pública, funcionando como espaços de memória ativa que reconstroem as conexões entre os vivos e os mortos.

Por sua vez, os cemitérios oferecem uma oportunidade única de explorar a relação entre cultura, memória e patrimônio. Como menciona Edgar Morin, a associação entre a morte e a vida por meio de símbolos e objetos presentes nas tumbas reflete a vontade dos vivos de preservar a memória dos mortos, ao mesmo tempo em que reconhecem sua ausência física. Essa dialética entre presença simbólica e ausência material é central para compreender os cemitérios como patrimônios culturais que guardam narrativas de valor coletivo.

Os cemitérios, enquanto espaços de memória, podem promover uma reconexão entre os indivíduos e sua condição humana universal. Eles oferecem a oportunidade de reflexão sobre a vulnerabilidade compartilhada, fomentando o respeito pela diversidade cultural e pela dignidade do outro. Nesse sentido, reimaginar e revitalizar esses espaços como locais de cultura e identidade não é apenas uma questão de preservação histórica, mas também um caminho para fortalecer os laços sociais e culturais em sociedades cada vez mais urbanizadas e individualistas. Como afirma, por muito tempo “o

imaginário social ocidental atual conta com uma visão limitada dos cemitérios como lugares destinados, exclusivamente, ao sepultamento e culto aos mortos. De fato, muitos deles, apesar de seu potencial para outras atividades, são limitados a estas funções" (LONDERO *et al*., 2024, p. 06).

Por este viés, os cemitérios, cumprem a sua função principal como locais de sepultamento, todavia, evoluíram para se tornarem importantes sítios de interesse cultural e turístico. Um aspecto que tem ganhado destaque é a ideia de cemitérios como parte do turismo urbano, oferecendo aos visitantes a oportunidade de explorar o patrimônio artístico, histórico e arquitetônico presente nesses espaços. Os turistas são atraídos pelos cemitérios por conta dos indivíduos famosos que estão enterrados ali, mas principalmente pelos ricos elementos escultóricos, mausoléus e lápides intrincadas que refletem diferentes épocas e valores culturais. Essa transformação dos cemitérios em museus a céu aberto oferece às cidades uma maneira única de preservar e destacar seu patrimônio cultural, ao mesmo tempo que atrai novas formas de turismo, como o turismo cemiterial (SALLAY, 2022).

Além disso, Sallay (2022) argumenta que os cemitérios estão sendo cada vez mais reconhecidos como parte da infraestrutura verde em áreas urbanas. Seus amplos espaços verdes, muitas vezes adornados com árvores maduras e rica biodiversidade, contribuem para o valor ecológico das cidades. Esses espaços são importantes por sua função memorial, mas também servem como locais de recreação e relaxamento, oferecendo a moradores e turistas um ambiente sereno em meio às movimentadas paisagens urbanas. A inclusão de cemitérios no planejamento de infraestrutura verde urbana destaca sua importância como espaços multifuncionais que combinam patrimônio cultural com conservação ambiental.

O aumento do turismo cemiterial, especialmente na Europa, reflete um interesse crescente na fusão entre turismo cultural, histórico e ambiental. Cemitérios como o Cemitério Nacional em Budapeste e o Cemitério Central em Viena abraçaram essa tendência, oferecendo passeios guiados, eventos culturais e até atividades recreativas como corrida e yoga, assim misturando a lembrança tradicional com atividades de lazer contemporâneas. Essa mudança amplia o apelo dos cemitérios, assegurando a preservação sustentável desses espaços cultural e ambientalmente significativos (SALLAY, 2022).

A memória está presente na formação da identidade cultural, sendo muitas vezes materializada em monumentos, memoriais e outros elementos tangíveis que servem como marcos históricos. No entanto, a memória não é estática e, frequentemente, passa por processos de redefinição e esquecimento. Conforme Martínez (2021) destaca, a degradação e o abandono de memoriais podem ser vistos como atos políticos deliberados que visam reformular ou até mesmo apagar certas memórias históricas. Em particular, ele menciona que a falta de manutenção de espaços como o complexo memorial de

Maarjamäe, na Estônia, evidencia uma tentativa de desmembrar a memória do passado soviético, utilizando a negligência como uma forma de reconfigurar o passado e, por extensão, a identidade nacional.

Martínez (2021) enfatiza que o esquecimento através da negligência não é apenas uma consequência acidental do tempo, mas uma ferramenta ativa no gerenciamento de legados indesejáveis. A política de esquecimento, manifestada por meio do abandono de certos memoriais, revela como o passado pode ser tratado como algo "residual" e "não sustentável". Esse processo de "destruição lenta" acaba por silenciar memórias que são vistas como incompatíveis com a nova ordem política e cultural, criando, assim, uma lacuna simbólica entre o presente e o passado, e moldando a maneira como a sociedade atual se relaciona com sua própria história.

O estudo de Martínez sobre o complexo memorial de Maarjamäe exemplifica como a materialidade da memória pode ser utilizada para reforçar ou desestabilizar narrativas históricas. O que é preservado ou negligenciado tem profundas implicações sobre como uma sociedade se vê e sobre quais aspectos de seu passado escolhe lembrar ou esquecer. Ao destacar a materialidade em decadência, ele sugere que o abandono e a ruína podem adquirir um significado próprio, como testemunhas de uma memória "desfeita", permitindo que novos regimes de memória emergentes assumam o controle do espaço simbólico e cultural.

Nesse sentido, com o aumento do turismo cemiterial, ao falar em memória a autora faz uma referência ao sentido de identidade, pois a memória é dinâmica. A Identidade de um lugar resgata sua memória cultural e se constitui de um fenômeno da essência humana em preservar seu patrimônio para si e para futuras gerações. Ainda sobre identidade podemos dizer que é aquilo que diferencia, identificando um homem de um grupo social, político, religioso, étnico etc., tratando-se de ações do homem para que seja possível a vivência em sociedade, ao longo dos anos e no dia-dia. Sabemos ainda que a identidade é uma categoria extremamente diferenciada dentro das ciências humanas e sociais, podendo ser abordada tanto em relação à questão e gênero, definida a partir da religião, construída com contribuição da atividade profissional, estando intimamente ligada ao grupo étnico ao qual pertencemos (LEMOS JUNIOR, 2012).

Para Rangel (2002), a memória não pode ser entendida como apenas um ato de busca de informações do passado, tendo em vista a reconstituição deste passado; ela deve ser entendida como um processo dinâmico da própria rememorização, ligado à questão da identidade. Sendo assim, rememorizada, não cai no esquecimento e vai sendo, constantemente, grafada, narrada, tornando-se fonte histórica, que é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história.

O patrimônio, no sentido em que é entendido hoje na linguagem oficial e no uso comum, é uma noção bastante recente, que cobre, de forma necessariamente vaga, todos os bens, todos os tesouros 'do passado'. De fato, essa noção comporta um certo número de camadas sobrepostas que pode ser útil distinguir. Winkel *et al*. (2024) Os cemitérios são lugares onde as relações entre memória coletiva, identidade e o espaço urbano são continuamente negociadas e reinterpretadas. Assim, em cada lápide, o cuidado dedicado aos mortos e às suas memórias é materializado, incorporando valores cognitivos, formais, afetivos, pragmáticos e estéticos (BORGES, 2024). Esses elementos transformam as lápides em bens patrimoniais da comunidade, pois representam testemunhos que integram o processo dialético de construção da memória coletiva. A realização de inventários, a catalogação, a interpretação e a contextualização dessas narrativas constituem etapas iniciais essenciais para a preservação desses registros gravados na pedra, que relatam histórias de um período que forma nossa identidade.

CONCLUSÃO

A análise reflexiva do Cemitério das Irmandades em Jaguarão (RS) evidencia a sua relevância como um espaço de memória coletiva, identidade cultural e patrimônio histórico. Contudo, as reflexões deste estudo vão além da constatação de sua importância: apontam para a necessidade urgente de valorização e preservação desse local como um elemento central na dinâmica cultural e turística do município.

Os resultados demonstram o potencial do cemitério para transcender sua função original, integrando-se ao imaginário urbano e promovendo atividades culturais e educativas. Essa integração contribui para o reconhecimento de seu valor histórico e para a dinamização econômica da região por meio do turismo cultural. Entretanto, o estudo também revela um cenário de desapropriação simbólica, em que grande parte da população local ainda não percebe o cemitério como um espaço de relevância cultural e artística, o que reflete um distanciamento da comunidade em relação ao patrimônio que lhe pertence.

Os dados apontam um desafio crítico: como transformar o Cemitério das Irmandades em um espaço reconhecido e apropriado pelos moradores e visitantes? A resistência cultural à ideia de turismo em necrópoles, frequentemente associada a tabus em torno da morte, demanda estratégias de sensibilização e educação patrimonial que reconfigurem a percepção social do local. Outrossim, a ausência de iniciativas consolidadas de preservação e promoção do cemitério como um bem cultural reforça a necessidade de políticas públicas que valorizem esse espaço.

Embora o objetivo do estudo tenha sido alcançado ao evidenciar como o Cemitério das Irmandades articula memória e identidade local, a pesquisa também levanta questionamentos sobre a sustentabilidade

de sua preservação e exploração cultural. As possibilidades apontadas pelo turismo cemiterial, como ocorre em exemplos internacionais, ainda enfrentam barreiras no Brasil, especialmente em regiões que carecem de investimentos estruturais e de uma visão integrada de planejamento turístico e cultural.

Portanto, este estudo cumpre sua proposta de investigar o Cemitério das Irmandades como patrimônio cultural e propõe uma reflexão crítica sobre a função da sociedade e do poder público na preservação e valorização de bens culturais locais. O desafio está em transformar esse espaço em um ponto de convergência entre memória, identidade e desenvolvimento sustentável, conciliando tradição e inovação. Tal esforço exige recursos e principalmente uma mudança de paradigma que compreenda o cemitério como um espaço vivo, carregado de significados históricos e culturais que podem transformar a narrativa coletiva de Jaguarão.

REFERÊNCIAS

AGUIRRE, J. **Patrimonialização**: reflexões sobre cultura e identidade. São Paulo: Editora Cultural, 1997.

BASTIANELLO, E. M. T. **Os monumentos funerários do Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé e seus significados culturais**: memória pública, étnica e artefactual (Dissertação de Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural). Pelotas: UFPel, 2010.

BOWLE, J. **Pequena Enciclopédia da História do Mundo**. São Paulo: Editora Cultrix, 1964.

CABANAS, A.; RICCI, F. "Turismo de necrópole: novos caminhos culturais a serem explorados no Vale do Paraíba Paulista". **Revista Eletrônica Turismo Visão e Ação**, vol. 10, n. 3, 2008.

CALVO IZASA, O. **El cementerio central**: Bogotá, la vida urbana y la muerte. Bogotá: Observatório de Cultura Urbana, 1998.

CAMPOS, Y. D. S.; ROSA, M. A. C. "'Cada sepultura, uma história': arte tumular e patrimônio no Cemitério de Conceição da Boa Vista, Recreio-MG". **Revista Memória em Rede**, vol. 14, n. 26, 2022.

CARRASCO, G. L. A.; NAPPI, S. C. B. "Cemitérios como fonte de pesquisa de educação patrimonial e de turismo". **Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio**, vol. 2, n. 2, 2009.

CHARLET, Y. **La mort dans nos villes**: un lieu funéraire œcuménique pour Bruxelles. Mechelen: Université Catholique de Louvain, 2024.

COMUNALE, V. **Patrimônio funerário**: os cemitérios históricos do Vale do Paraíba (1820–1890) (Tese de Doutorado em Artes). São Paulo: Unesp, 2020.

DUQUE, A. H.; MEDINA, L. "De enterrados a fieles defuntos". *In*: PAREDES, N, S. **Diálogos Culturales. Historia, Educación, Lengua, Religión e Interculturalidad**. Mérida: Universidad de los Andes, 2006.

ESTRADA, S. El Cementerio Municipal de Soacha: Patrimonio Funerario y Reflejo del Mundo de los Vivos (Magíster em Patrimônio Cultural). Tunja: UPTC, 2022.

FERREIRA, M. L. M. "Patrimônio: discutindo alguns conceitos". **Diálogos: Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História**, vol. 10, n. 3, 2006.

FONSECA, M. C. L. **O patrimônio em processo**: trajetória da política federal de preservação no Brasil. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000.

FUNARI, P. P. A. "Os desafios da destruição e conservação do patrimônio cultural no Brasil". **Trabalhos de Antropologia e Etnologia**, n. 41, 2001.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Editora Centauro, 2004.

HONORIO, C. M. "Arte e memória no espaço urbano: a necrópole que tem, conta e reconta a história". **Caderno Intersaberes**, vol. 10, n. 24, 2021.

JUSTO, G. M.; NASSIF, J. M.; SOUZA, L. F. "O cemitério como um espaço turístico: realidade e possibilidades – uma análise do cemitério São José em Ponta Grossa – PR". **Research Gate** [2014]. Disponível em: <www.researchgate.net>. Acesso em: 23/11/2024.

LEMOS JUNIOR, C. B. L. "Patrimônio cultural: conceitos, proteção e direito pela educação patrimonial". **Revista do Curso de Direito do UNIFOR**, vol. 3, n. 2, 2012.

LONDERO, D. *et al*. "Projeto Memória e Vida: reflexões sobre a transformação do Cemitério da Consolação em bem cultural". **Revista M. Estudos Sobre a Morte, os Mortos e o Morrer**, vol. 9, n. 17, 2024.

MANCINI, L. A.; HEREDIA, V. B. M. "Memórias, patrimônio cultural: possibilidades para turismo cultural". **Desenvolvimento Socioeconômico em Debate**, vol. 10, n. 1, 2024.

MARTÍNEZ, F. "Memory, Don't Speak! Monumental neglect and memorial sacrifice in contemporary Estonia". **Cultural Geographies**, vol. 29, n. 1, 2022.

MILLÁN, M. G. D. *et al*. "Dark Tourism in Southern Spain (Córdoba): An Analysis of the Demand". **International Journal of Environmental Research and Public Health**, vol. 18, n. 2740, 2021.

MOLINA, D. E. **Tumbas de Indignos**: Cementerios No Católicos en Colombia 1825–1991. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 2013.

MONASTISRKY, R.; GUIMARÃES, L.; BATISTA, F. **Cemitérios como espaços culturais e memoriais**. Belo Horizonte: Editora Memorial, 2017.

MORANENSE, L. "Baldosas por la memoria. Una experiencia de autogestión y participación vecinal". **Anales del X Encuentro Iberoamericano de Valoración y Gestión de Cementerios Patrimoniales**. Medellín: Fundación Cementerio de San Pedro, 2009.

NASCIMENTO, F. L.; SENHORAS, E. M. "Necrópoles: processo histórico, terminologia, arte e arquitetura cemiterial". **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 11, n. 32, 2022.

NOGUEIRA, E. "Cemitérios urbanos e representações culturais". **Revista Brasileira de Patrimônio e Memória**, vol. 3, 2013.

NORA, P. “Entre memória e história: a problemática dos lugares”. **Revista Projeto História**, n. 10, 1993.

NORA, P. **The construction of the past French**. Columbia: University Press, 1996.

OLIVEIRA, E. C. R. *et al*. “Expressões através dos símbolos tumulares no cemitério municipal Padre Rodolfo Kumoreck da Cidade de São José dos Campos”. **Anais do IX Encontro Latino-Americano de Iniciação Científica**. São José dos Campos: UNIVAP, 2015.

OTOBELLI, D.; VAILATTI, G. L. **Benedictus**: os cemitérios de Flores de Cunha – arte, história, ideologia. Flores da Cunha: Editora Seculum, 2007.

PAIVA, S. “Patrimônio cultural e identidades: reflexões sobre memória e pertencimento”. **Revista Brasileira de Estudos Culturais**, vol. 4, n. 2, 2015.

PEREIRA, T.; PEREIRA, M. L.; LIMBERGER, P. F. “Dark tourism: analysis of the relationship between motivations, experiences, and benefits of visitors at Recoleta Cemetery, Argentina”. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, vol. 16, 2022.

PUZDRAKIEWICZ, K. “Cemeteries as (un)wanted heritage of previous communities: An example of changes in the management of cemeteries and their social perception in Gdańsk, Poland”. **Landscape Online**, vol. 86, 2020.

QUEIROZ, F. “Os cemitérios históricos e o seu potencial turístico em Portugal”. **Anuário 21 Gramas,** n. 1, 2008.

RANGEL, M. M. “Educação patrimonial: conceitos sobre patrimônio cultural”. *In*: MINAS GERAIS. **Reflexões e contribuições para a educação patrimonial**. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Educação, 2002.

REZENDE, E. C. M. **Cemitério**. São Paulo: Editora Necropolis, 2007.

RIVERA, J. “Sepulturas Abiertas en la Nueva Granada. Reflexões sobre uma arqueologia histórica de la muerte”. *In*: FUNARI, P. P.; BRITTEZ, F. (eds.). **Arqueología Histórica en América Latina, temas y discusiones recientes**. Mar del Plata: Ediciones Suárez, 2006.

ROSA, M. A.; BORGES, M. E. Dois Cisnes e uma Cruz: Memória e arte nas lápides da Capela do Cemitério do Santíssimo Sacramento em Oeiras-PI (1860–1940). **Revista M. Estudos Sobre a Morte, os Mortos e o Morrer**, vol. 9, n. 17, 2024.

SALLAY, Á. *et al*. “Cemeteries as a Part of Green Infrastructure and Tourism”. **Sustainability**, vol. 14, n. 2918, 2022.

SANTOS MORENO, J. **Cementerio de Pueblo Viejo (Guatavita)**: anclaje para la memoria y la historia del valle de Tominé. Bogotá: Pontificia Universidad Javeriana, 2013.

SCHRYNMAKERS, O. D. “La Question De La Mort Dans L'espace Public: Différentes Formes De Représentation De L'art Funéraire”. **Research Gate** [2024]. Disponível em: <www.researchgaate.net>. Acesso em: 23/11/2024.

SILVA, R.; CARVALHO, A.; GASPAR, E. “Cemitérios e suas narrativas históricas: espaços de memória e identidade”. **Revista de Pesquisa e Ensino**, vol. 8, n. 3, 2017.

SOARES, E. A. S. **Igreja Matriz do Divino Espírito Santo da cidade de Jaguarão**. Porto Alegre: Editora Evangraf, p. 336, 2011.

TOMAZ, P. C. "A preservação do patrimônio cultural e sua trajetória no Brasil". **Fênix - Revista de História e Estudos Culturais**, vol. 7, n. 2, 2010.

WINKEL, M.; SIEDHOFF, M.; WINTZER, J. "Shifting values at the cemetery: the artistic interventions of DeathLab". **Geographica Helvetica**, vol. 79, 2024.

WOJTKIEWICZ, S. The symbol and archetype of 'tree' in designing memorial places on selected study examples. **Space and Form**, vol. 50, 2022.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano VI | Volume 20 | Nº 59 | Boa Vista |2024

http://www.ioles.com.br/boca

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima